

NGANGA

06 - Junho 2022





Expediente

Direção geral:
Douglas Rainho

Edição e diagramação:
Everton Martins

Revisão:
Danyo Nascimento

Arte Da Capa:
“Exu das Matas”, por N’ganga
Diesuganga

Ilustrações:
Luan Augusto da Silva

Um projeto da Cova Cipriano Feiticeiro, Templo De Quimbanda Pantera Negra e Dama Da Noite, Templo De Quimbanda Cova de Tiriri e Perdido.co.

Contato:
revistanganga@perdido.co

Sumário

Editorial	4
Os Poderosos Mortos Exus e Pombagiras nas Tradições Mágico-Culturais do Mundo	6
Como Exu Orixá se tornou o Exu da Umbanda? Espiritualidade banto se confunde com a espiritualidade iorubá	22
Para ser <i>Kimbanda</i> tem que ter assentamento	26



Editorial

Seja bem vindo a sexta edição da Revista Nganga. Desde dezembro de 2021, nós, os editores da revista, temos nos comprometido a produzir e a entregar gratuitamente textos que elucidam e esclarecem tanto à tradição quanto o modus operandi da Quimbanda. É dentro desta responsabilidade, em respeito a nossa ancestralidade, que gostaríamos de fazer uma nota de esclarecimento neste editorial.

Na terceira edição da Revista Nganga, publicamos um texto intitulado Quimbanda Nàgô. Na página 13, o texto trazia a subseção, intitulada O Renascimento da Quimbanda Nàgô, que pretendia esclarecer o renascimento da Quimbanda Nàgô no Brasil, com foco no trabalho exclusivo, desenvolvido pela família Danjilesumbu. A subseção destacou:

Por volta da década de 1990 e anos 2000 os fundamentos do culto da Quimbanda Nàgô estavam completamente perdidos. Muitas famílias trabalhando apenas com fundamentos parciais: algumas sem assentamentos ou oráculo, outras sem os fundamentos do Cruzeiro das Almas ou do égún capataz etc. O ponto riscado de Exu Gererê e os elementos que deram nascimento a Quimbanda Nàgô também perdidos, assim como os mistérios que envolvem seus pontos cantados, rezos e consagrações. Mas foi com os esforços de Exu Sete Catacumbas e seu médium, o Táta Nganga Malembu Mikunga (a.k.a. Gustavo Lopes), que um exercício de reconstrução e reativação dos mistérios e arcanos do culto começou a acontecer.

Com o auxílio de seu mestre iniciador, o Táta Nganga Kilumbu (a.k.a. Marco Antônio Nogueira Filho) do Exu Marabô, e de outros iniciados mais antigos da Quimbanda como Mestre Muloji, a Bruxa Fernanda, o Pai Lucas (in memoriam), o Pai Anderson do Tranca-Ruas e o Mago Barão, Táta Malembu através do Exu Sete Catacumbas reconstruiu e reativou o culto, convergindo todos os fundamentos perdidos, incluindo os nomes iniciáticos dos adeptos iniciados e o ponto riscado de Exu Gererê na conformação e estrutura que hoje conhecemos.

Essa passagem do texto causou um constrangimento em algumas famílias e casas de Quimbanda Nàgô, fazendo parecer que foi a família Danjilesumbu a responsável direta pelo renascimento da Quimbanda Nàgô, de forma generalizada, o que invalidaria o trabalho de outras famílias. Mas não é este o caso!

A pedido do Táta Nganga Kilumbu do Exu Marabô, iniciador que aprontou Táta Malembu na Quimbanda Nàgô, em respeito ao seu Táta Nganga, o Sr. Paulo do Tranca Ruas de Embaré e a todos os táta-ngangas que têm trabalhado em função do desenvolvimento da Quimbanda Nàgô, esclarecemos que o texto publicado na Revista Nganga No. 3 e a subseção da página 13, diz respeito exclusivo ao trabalho desenvolvido pela família Danjilesumbu e os ngangas nela iniciados e aprontados. Não foi a intenção do texto falar por todas as famílias e casas de Quimbanda Nàgô, que vêm labutando pela expansão dos domínios do Chefe Império Maioral e a horda de Exus e Pombagiras.

Esperamos que essa nota de esclarecimento possa desfazer qualquer mal entendido que o texto possa ter causado. O renascimento do qual fala o texto, repito, trata-se do trabalho exclusivo da família Danjilesumbu e gostaríamos de deixar claro que em tempo algum ele pretendeu desmerecer o trabalho de outras famílias e casas de Quimbanda Nàgô.

Táta Nganga Kimbanda Kamuxinzela, editor
Cova de Cipriano Feiticeiro
Instagram: @tatakamuxinzela

Kimbanda Zelawapanzu
Sacerdote do Templo de Quimbanda Cova de Tiriri
instagram.com/covadetiriri

Táta Nganga Kamuxinzela
Feitiçaria Tradicional Brasileira

Os Poderosos Mortos Exus e Pombagiras nas Tradições Mágico-Culturais do Mundo Sendo A Incursão Diabólica no Brasil Terceira Parte

Dentre as crenças que descrevem as mudanças sutis e drásticas dos estados de consciência destaca-se a Quimbanda Brasileira. Tais mudanças ocorrem, principalmente, através do constante contato entre os vivos e os Poderosos Mortos, os quais nossa tradição nomina como Exu e Pombagira. A ação desses espíritos, por mais simples que sejam, produz uma alteração progressiva através dos aspectos experimentais e esses fenômenos produzem a quebra da previsibilidade causal e a expansão excepcional da mente dos adeptos.^[1]

Minhas observações sobre o Universo convencem-me que existem Seres de inteligência e poder de uma qualidade muito superior do que qualquer coisa que possamos conceber como humano; eles não são, necessariamente, baseados nas estruturas nervosas e cerebrais que conhecemos; a única chance para a humanidade avançar como um todo é fazer com que, individualmente, cada humano entre em contato com estes Seres.^[2]

Existe um consenso generalizado, em alguns círculos ocultistas, em comparar a ação e personalidade dos Exus e Pombagiras da Quimbanda com os *daimones* da cultura teúrgica grega – que inclui a religião grega popular, a teurgia clássica neoplatônica, a feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e os diversos cultos de mistérios da Antiguidade; por outro lado, existe também, entre os diversos seguimentos da cultura afro-brasileira, o

entendimento de que os Exus da Quimbanda são os demônios da tradição dos grimórios medievais, salomônicos e outros. Esse entendimento foi cristalizado a partir de 1951 com a publicação de uma obra muito influente, de autoria de um ocultista-umbandista chamado Aluizio Fontenelle, intitulada Exu (Gráfica Editora Aurora, 1951). Nessa obra o autor relaciona um grupo de Exus, mais conhecidos na época, aos demônios do GRIMORIUM VERUM. Desde sua matriz, no Rio de Janeiro, a *Macumba*,^[3] a tradição da Quimbanda, é as-

[3] Os movimentos que dão nascimento e origem a Quimbanda são a *Cabula* (Sécs. XVIII e XIX) e a *Macumba* (Séc. XX). Os ritos da *Cabula* eram de origem banto e utilizava-se extensivamente material retirado dos grimórios medievais e símbolos maçônicos como o Selo de Salomão (pentagrama), candelabros com velas etc., porque houve um encontro e miscigenação mágico-religiosa entre a *Cabula* e as noções de cosmovisão maçônica; na *Macumba* houve o primeiro contato entre a cultura banto e a cultura *yorùbá* em um momento em que Èṣù *òrìṣà* chega demonizado no Brasil, conferindo ao Exu brasileiro (ou *catiço*) os primeiros traços demoníacos de Aluizio Fontenelle resgata na década de 1950, quando se inicia o *segundo momento* do Culto de Exu no Brasil. Em ambas as tradições o espírito ou guia que se manifestava incorporado nos médiuns usavam tabaco (charutos) e bebidas alcoólicas. Os espíritos manifestavam-se nas *engiras*, termo que deu origem ao que conhecemos hoje como *gira*, rituais que abrem zonas de poder e atraem os espíritos a incorporação mediúnicamente. É da *Cabula* a origem de se escolher ou ser escolhido por um *protetor espiritual*, o que hoje chamamos de *Exu tutelar* na Quimbanda. Veja Humberto Maggi. RAINHAS DA QUIMBANDA. Via Sestra, 2020. Para compreender como a cultura banto de alimenta de símbolos religiosos de outras culturas, como é o caso da *Cabula* ter absorvido símbolos maçônicos e a *Macumba* ter absorvido aspectos da cultura *yorùbá*, veja Tadeu Mourão. ENCRUZILHADAS DA CULTURA. Aeroplano, 2012. Veja também

[1] Danilo Coppini, VENERANDO OS PODEROSOS MORTOS.

[2] Aleister Crowley, MAGICK WHITOUT TEARS.

sociada à feitiçaria ibérica. Quando as bruxas da feitiçaria ibérica foram exiladas no Brasil, no Séc. XVI, com elas vieram os manuais ou grimórios de feitiçaria medievais e as edições populares d'O LIVRO DE SÃO CIPRIANO - amplamente influenciadas pelo GRIMORIUM VERUM - e outros como o VERITABLE MAGIE NOIR. A influência destes grimórios chegou ao Brasil com estas feiteiras ibéricas.^[4]

A citação abaixo, destaca a ênfase pejorativa da palavra *macumba* e demonstra como a feitiçaria ibérica influenciou a formação da Quimbanda, a partir da *macumba*:

Em fins do século passado, existiam, no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto que denotavam, nitidamente, a origem africana, embora já bem distanciadas da crença trazida pelos escravos. A magia dos velhos africanos, transmitida oralmente através de gerações, desvirtuava-se, mesclada com as feitiçarias vindas de Portugal onde, no dizer de Morales de los Rios, existiram sempre feitiços, rezas e superstições.^[5]

As «*macumbas*» - mistura de catolicismo, fetichismo negro e crenças nativas - multiplicavam-se; tomou vulto a atividade remunerada do feiteiro, o «trabalho feito» passou a ordem do dia, dando motivo a outro, para lhe destruir os efeitos maléficos; generalizaram-se os «despachos», visando se obter favores para uns e prejudicar terceiros; aves e animais eram sacrificados, com as mais diversas finalidades; exigiam-se objetos raros para homenagear entidades ou satisfazer elementos do baixo astral. Sempre, porém, obedecendo aos objetivos primordiais: aumentar a renda do feiteiro ou «derrubar» - termo que esteve muito em voga - os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhe concorrência.^[6]

Quando a *Macumba* absorveu elementos religiosos da cultura *yorùba*, foi o momento em que Èṣú òrìṣà chegava ao Brasil, com fortes impressões diabólicas.^[7] O Èṣú òrìṣà tornou-se o Exu catiço (ou *égún*) brasileiro, com

José Armando Vicente. A SALVAÇÃO NA RELIGIÃO TRADICIONAL AFRICANA NO CONTEXTO BANTO. Edições Loyola, 2021.

[4] Durante todo processo colonial o Brasil recebeu um grande contingente de imigrantes europeus que traziam suas práticas religiosas. Especula-se que muitos grimórios foram trazidos também por estes imigrantes.

[5] [Nota]: É da tradição de feitiçaria ibérica que a magia brasileira toma sua influência da tradição cipriânica. Veja *Revista Nganga* No. 4.

[6] Omolubà, DOCTRINA E PRÁTICAS UMBANDISTAS, Ícone Editora, 2015.

[7] Para um resumo dessa chegada veja Humberto Maggi, *A Gnose do Diabo*, em SCIENTI DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

contornos diabólicos. O livro de Fontenelle na década de 1950 resgata essa gênese diabólica de Èṣú òrìṣà chegando ao Brasil, e logo a relaciona com a influência demonológica medieval, criando o imaginário estético da Quimbanda como a conhecemos hoje:

Aluizio Fontenelle tem uma postura dura e crítica na sua forma de expressar a Umbanda. Apresenta influências diversas com ênfase para hinduísmo, teosofia, cabala e alta magia europeia. Ressalta a existência de um aspecto esotérico, fechado e oculto, em todas as religiões, propondo a busca pelos «reais fundamentos» da Umbanda em seu aspecto esotérico.

Apresenta as Sete Linhas de Umbanda e suas Legiões por meio do modelo criado por Lourenço Braga (UMBANDA E QUIMBANDA, 1942). No entanto é justamente com relação a Exu que este autor irá inovar e tornar-se um dos escritores mais copiados e mal compreendido na religião.

A busca pela «Umbanda Esotérica e Iniciática» o levou, assim como a outros umbandistas, a almejar o «supra sumo» da religião em outras culturas. Aluizio Fontenelle é o primeiro autor a comparar os exus de Umbanda com os demônios da Goécia, «Magia Negra» europeia. Se por um lado ele teve intenção de elevar o padrão intelectual da religião, por outro deu início a uma «demonização» do exu de dentro para fora, como se já não bastasse a externa. Ele atribuiu aos tão conhecidos nomes de exus em suas populares falanges, nomes tão ou mais conhecidos na «Magia Negra».

Desta forma Aluizio Fontenelle foi o primeiro autor umbandista a relacionar os nomes de exus de umbanda com nomes da «Magia Negativa» (Magia Negra) europeia. Foi copiado ou simplesmente serviu de inspiração para autores como Decelso, Antônio de Alva, José Maria Bittencourt, N. A. Molina e tantos outros autores posteriores a adotar este sincretismo entre Umbanda, Quimbanda e Goécia [...]. Claro que há contribuições positivas e negativas por parte de todos os autores. No entanto, a partir do momento que identificamos exus como «demônios» ou «pretensos demônios», em seu sentido popular de ser, nós mesmos estamos dando lenha para aquecer a fogueira da discriminação e do preconceito. Suas tabelas e relação foram largamente usadas pela «Quimbanda» brasileira.^[8]

A partir de Fontenelle, Exu, a rigor, foi considerado um demônio tanto no imaginário popular, quanto nas inúmeras interpreta-

[8] Fonte: <http://misterioexu.blogspot.com/2016/02/a-demonizacao-de-exu-dentro-da-umbanda.html>. O texto é impreciso, como de costume: os demônios da goécia não são os mesmos demônios do GRIMORIUM VERUM.



A Morte do Kimbanda
Arte de Luan Silva (@luanode_)

ções de Quimbanda que nasceram no Brasil. Sua obra pode ser considerada uma das maiores inspirações para formação e estruturação de muitos seguimentos de Quimbanda. Nesse ensaio, pretende-se demonstrar que Exus e Pombagiras não são demônios ou mesmo *daimones* na interpretação grega tradicional,^[9] muito embora, possam compartilhar de aspectos semelhantes. Destaco isso em uma antiga postagem, agora fora do ar, de meu Site *Filosofia Oculta*, que intitulei *Daimones & Exus*. Reproduzo a seguir um excerto a título de esclarecimento sobre o tema:

Como vimos em nosso estudo, a palavra *daimon* evoluiu com o tempo. Ela aparece primeiro na *ILÍADA* e na *ODISSEIA* de Homero como referência aos próprios deuses do Olimpo. Em Hesíodo os *daimones* aparecem como a alma dos homens que haviam vivido na era dourada da humanidade, responsáveis por distribuir as riquezas pelo mundo. O *daimon* como distribuidor de coisas boas ou ruins está em acordo com a origem etimológica da palavra. Nesse contexto, Zeus seria o *grande daimon*, por distribuir todas as coisas boas, mas também ruins, a humanidade. O interessante é que em Hesíodo os *daimones* passam a ser criaturas espirituais intermediárias entre os homens e os deuses, além de terem a conotação de almas de mortos. Platão reforça a ideia dos *daimones* como criaturas espirituais intermediárias e distribuidoras de riquezas, destacando Eros como o *grande daimon*. No fim da Antiguidade a palavra *daimon* já era utilizada como sinônimo de espírito, indicando qualquer agente espiritual, não importando a diferença. Mortos, criaturas da natureza e deuses, todos eram chamados de *daimones*. Herdando concepções de Plotino, Jâmblico destaca o valor do *daimon pessoal*, ideia fundamental por trás do conceito medieval e moderno de Sagrado Anjo Guardião. É somente na *SEPTUAGINTA*, i.e. o Velho Testamento traduzido para o grego koiné no Séc. III d.C. pela primeira vez, que a palavra *daimon* aparece de forma pejorativa, designando os deuses adorados por outras nações. É a partir da *SEPTUAGINTA* que os termos *daimon* (demônio) e anjo começam a ter o significado que hoje conhecemos e usamos. Com relação aos Exus/Pombagiras da Quimbanda: são eles *daimones da goécia medieval*? Não há como fazer comparações seguras entre os *daimones* gregos e os Exus e Pombagiras da Quimbanda. Para começar lhe corrigindo é melhor dizer *daimones gregos* do que *daimones da goécia medieval*,

[9] Na Quimbanda o que fazemos é construir uma *interface* de comunicação entre os éteres de habitação dos demônios e àqueles de habitação dos Exus, conectando o trabalho de ambos. Isso ficará claro ao longo do texto.

afinal, não é apenas a goécia que lida com *daimones*, mas a teurgia em si e de modo geral a religião grega antiga. Goécia, tecnicamente, é um tipo de técnica que originalmente tratava-se de lidar com alma dos mortos apenas. Nesse sentido, a Quimbanda é de certo modo uma *goécia brasileira*, levando em consideração essa tecnicidade. Com a importação da teurgia dos caldeus e evolução do pensamento mágico grego, logo a goécia e teurgia passam a operar com *daimones* sendo eles espíritos natureza e deidades em geral como deuses e deusas. Na Quimbanda os Exus e Pombagiras são almas dos mortos deificadas. O que incluiria eles na categoria de *daimones*, mas é incorreto dizer isso, haja visto que são culturas bem distintas. É mais fácil e correto dizer que Exus e Pombagiras compartilham com os *daimones* gregos características em comum.

Quem são mais poderosos: *daimones* gregos ou Exus e Pombagiras?

Neste caso eu convoco a memória de Jâmblico que diz serem tolos os que adoram deuses de outras culturas. Para um grego, certamente, lidar com *daimones* e tirar deles maior proveito e eficácia mágica é muito melhor do que tratar com Exus e Pombagiras, criaturas espirituais de uma cultura completamente diferente da grega. Assim, para um feiticheiro brasileiro, maior proveito e eficácia mágica ele terá ao lidar com Exus e Pombagiras. Então para nós brasileiros os Exus e Pombagiras são muito mais poderosos.

Embora tenham, como já dito, aspectos semelhantes, *daimones* e Exus não são criaturas equivalentes, não são a mesma coisa. De igual modo, os Exus também não são demônios; tecnicamente, o que fazemos na Quimbanda é colocar os demônios a serviço dos Exus e Pombagiras. Para compreendermos isso, primeiro devemos diferenciar *daimones* e demônios, porque, também, não são a mesma coisa. Os *daimones* são criaturas espirituais de todo tipo - como vimos no Suplemento de Estudo Os PAPIROS MÁGICOS GREGOS & a Macuma Brasileira, disponível no site da Quimbanda Nãgô. Essas criaturas podem ser almas de mortos, espíritos benfazejos ou malignos e estão associados à cultura e cosmovisão pagã grega. Na *interpretatio romana*, os antigos *daimones* (deuses e espíritos diversos) tornaram-se espíritos malignos, cujo objetivo é tentar e fazer cair os cristãos. Na cosmovisão cristã, os demônios são os anjos caídos d'O LIVRO DE ENOCH e sua prole, com as filhas dos homens, é espalhada pela terra, para devastar a vida das pessoas

e destruir o reinado de Cristo Redentor. Então veja que, embora os demônios sejam uma revisão sobre o conceito ou ideia de *daimon*, não se tratam dos mesmos. Os espíritos dos grimórios não são *daimones*, mas demônios. A cosmovisão teológica dos grimórios é cristã e não pagã, muito embora o sistema de magia delineado neles seja o greco-egípcio, herdado dos papiros mágicos e sua metaligagem seja judaico-cristã (ou abraâmica se preferir).^[10] Os feiticeiros da Quimbanda, conhecidos como *kimbandas* ou *n'gangas*, através dos mecanismos técnicos de sua arte, abrem portais de conexão entre os Exus e os demônios, colocando os segundos a serviço dos primeiros.^[11] Outra chave de compreensão é a *autoridade espiritual* que se estabelece sobre os demônios.

Na segunda parte deste estudo, publicado na *Revista Nganga* No. 5, vimos que os demônios são criaturas irracionais, por vezes estúpidas. Por conta disso, o mago tem inúmeros artifícios para conjurá-los e abjurá-los. Nos grimórios, esses artifícios podem ser diversos: a autoridade de Deus conferida ao operador piedoso, os nomes sagrados de Deus, regalias mágicas - como o famoso Anel de Salomão ou a espada de ferro/aço -, o poder de gemas ou ervas, os encantamentos mágicos ou o conhecimento das posições dos astros, as oferendas, os sacrifícios e os pactos, dependendo do grimório. No LIVRO DO

[10] Tecnicamente não podemos generalizar dizendo que todos os espíritos dos grimórios são demônios. Sob a ótica da *interpretatio romana* sim, mas não é possível saber se todos os autores dos grimórios coadunavam com essa ideia, até porque no universo dos grimórios muitas das criaturas espirituais listadas são chamadas apenas de espíritos. Há grimórios que falam de bons e maus demônios, enquanto que na *interpretatio romana* todos os demônios são perversos. Existem pouquíssimas referências nos grimórios que conectem seus espíritos diretamente a anjos caídos, muito embora alguns espíritos sejam apresentados como se fossem. Para uma discussão profunda sobre isso veja Richard Kieckhefer. *FORBIDDEN RITES*. Penn State Press, 2016. De qualquer modo não é técnico dizer que os espíritos dos grimórios são *daimones*, e é por isso que eles são apresentados como espíritos apenas. Para entender os grimórios e seus sistemas intrincados de feitiçaria é necessário compreender a história do período em que eles foram escritos, a Idade Média e a Idade Moderna (Renascimento e Iluminismo). Para uma compreensão sobre os demônios na Idade Média veja Jeffrey Burton Russel. *LÚCIFER: O DIABO NA IDADE MÉDIA*. Madras, 2003.

[11] Muito embora exista essa dicotomia na demonologia dos grimórios que se baseia na ideia greco-egípcia de *daimon* ou na *interpretatio romana* de demônio, Aluizio Fontenelle escolheu a *interpretatio romana* para dar a forma diabólica da Quimbanda que conhecemos hoje. Dessa maneira é técnico dizer que na Quimbanda os Exus são associados aos demônios, não aos *daimones*.

GÊNESIS (1:27), Adão passou a representar o próprio Deus, regendo sobre a criação. Essa é a razão pela qual Deus delegou a humanidade a missão de dominar e subjugar todas as coisas (1:28). Isso significa que o propósito original do homem é exercer o domínio representativo de Deus sobre todas as coisas criadas, incluindo todas as criaturas espirituais. Uma vez que o homem detém o poder representativo de Deus sobre toda a criação, quando ele exerce essa função (ou missão), ele coloca toda criação submetida ao próprio Deus. Essa é a verdadeira *Chave de Salomão*: o homem piedoso e penitente a Deus, com sua *autoridade espiritual*, recebida na forma da graça divina, subjuga todas as criaturas espirituais, anjos e demônios. Nos grimórios, os anjos podem ser os espíritos das estações, dos quadrantes do espaço, das horas do dia e da noite, das conjunções astrológicas, etc.^[12] Essa *autoridade espiritual* é confirmada no PRIMEIRO LIVRO DE REIS, como delineamos na *Revista Nganga* No. 5, sendo esse o livro que inspirou o alicerce da tradição salomônica, O TESTAMENTO DE SALOMÃO.

O homem é dotado de razão, uma função microcós mica do *Logos*,^[13] a potência divina e criativa, que a tudo anima. A palavra, um produto da ação *logoidal*, é o agente ativo ou *verbum* (tradução latina do *logos* grego), que anima a matéria inerte, como o verbo criativo de Deus que cria o mundo no LIVRO DO GÊNESIS. No EVANGELHO DE SÃO JOÃO (1:1), o *Logos* ilumina todo homem, sendo, portanto, a fonte de todo conhecimento, toda sabedoria, toda razão. A faculdade da razão, em toda criação, está presente apenas no homem, tornando-o superior a toda criação, nos três reinos: mineral, vegetal e animal. Por isso, Jesus, os apóstolos evangelistas, os mártires e os santos são descritos, inúmeras vezes, exorcizando, comandando e banindo os demônios.

Uma vez que o homem é dotado de capacidade, ou seja, detém o poder *logoidal* do Verbo Criativo, com suas palavras ele não ape-

[12] Dependendo do grimório ou manual demonológico, esses espíritos podem ser demônios.

[13] No universo das tradições africanas e afro-brasileiras o conceito grego de *logos* equipara-se a ideia de *orí*, individualidade humana. É pelo fato do homem possui um *orí*, a individualidade humana, que ele possui domínio sobre os espíritos e animais. Essa é a lógica racional dos *yorúbás* acerca do sacrifício, por exemplo.

nas pode abjurar demônios, mas transformar a própria Natureza com o poder da palavra, na forma de conjuros e encantamentos, manipulando o *mana*, *moyo* ou *àşę* que a tudo subjaz. Sem o poder do Verbo, não há magia, porque o verbo é a ação do *Logos*, que tanto cria quanto destrói.^[14] Existe um ditado na Quimbanda que diz: *a palavra de um kimbanda não pode ser como a casca de um ovo que se quebra facilmente*.^[15] Esse ditado, repassado de boca a ouvidos pelos mais velhos do culto, carrega uma sabedoria profunda e um arcano secreto da magia. A palavra carrega nosso *nguzo*, nossa força e vitalidade criadora. Quando proferimos nossas palavras, com elas vêm nossos pensamentos, sentimentos e emoções, saliva e calor interior. Por outro lado, as palavras ou as vibrações sonoras - de um ponto cantado por exemplo - causam alterações cujas reverberações ritmadas resultam em interações entre realidades energéticas, entre dimensões inacessíveis a mente pueril, abrindo as fronteiras da criação ou da destruição, segundo a vontade do *kimbanda*. Por essa razão, os trabalhos de feitiçaria sempre são acompanhados de invocações, conjurações, rezas, orações e cantigas.

Nas culturas africanas, a palavra falada possui um caráter espiritual, sagrado. Por conta disso, nessas culturas é preservado o caráter oral da transmissão do conhecimento, o que dota a palavra com o peso da *escola da vida* e, por meio dela, tudo o que envolve o homem na matéria é transmitido e explorado. A tradição oral é, para os africanos, portanto, religião, ciência, aprendizado de ofício, conhecimento histórico, divertimento e recreação. A palavra é expressão da própria vida do homem. É por isso, que o conhecimento transmitido oralmente pelos os africanos, tem o poder de conferir a iniciação, pois atua na dinâmica do comportamento

[14] Fernando Liguori. *A Ética da Palavra*.

[15] Uma vez que a palavra é um veículo de força e transmissão espiritual, ela não deve ser usada inadequadamente. O uso mais inadequado da palavra é a falta ou quebra de compromisso espiritual, porque essa ação transforma a palavra em mentira, uma distorção da força que a palavra transmite. Nas culturas africanas quem falta com sua palavra é afastado da comunidade, porque a palavra é um veículo de coesão social. Na tradição *yorubá* diz-se que a mentira vicia o *orí* e o sangue do mentiroso. Quando se pensa uma coisa e se diz outra, rompe-se um elo consigo mesmo e com o Criador, ou seja, cria-se uma ruptura na harmonia do cosmos, simbolizada na forma de unidade cósmica entre o homem e Deus.

pessoal. Não se trata de um conhecimento abstrato transmitido, mas a força dos impulsos fundamentais, que estruturam a cultura e sociedade.

Da mesma maneira que Deus animou as forças cósmicas, que se encontravam latentes no ato da criação, por meio do sopro de seu alento, a palavra do homem desperta, anima e coloca em movimento as forças estáticas que se encontram em todas as coisas. A palavra do homem é, assim, um eco da Palavra ou Verbo Criativo de Deus, despertando forças ocultas e latentes quando nomeadas. Para os africanos, a palavra é como o fogo: ela pode criar paz, acalantar e iluminar, mas pode ser devastadoramente destrutível. Uma palavra mal colocada pode criar uma guerra, da mesma maneira uma fagulha pode iniciar um incêndio.

Então, a palavra é uma marca distinta da presença espiritual do homem sobre os elementos do cosmo; a senha que abre os portais invisíveis da comunicação com o mundo espiritual. A palavra é uma ação mágica! Os magos compreendem, desde tempos imemoriáveis, que a palavra do homem está diretamente conectada a organização e manutenção do cosmos. A palavra deve ser exata, para manter a harmonia do cosmos e o mago deve ser exato como a palavra. Por isso, o silêncio, o falar muito pouco ou *saber falar*, sempre foi uma das virtudes mais cobiçadas pelos magos, pois não é apenas sinônimo de educação erudita, mas de nobreza espiritual. A palavra é força mágico-criadora, pois ela é o veículo do Verbo, o sopro que anima àquilo que a palavra expressa. O Verbo cria àquilo que nomeia.

Universalmente, na tradição da magia, portanto, a palavra, como veículo do Verbo Criador, é de importância fundamental para despertar e animar forças ocultas, bem como abjurar e comandar espíritos diversos, como os demônios. Mas, se a palavra comanda àquilo que nomeia, de igual modo o nome é de importância fundamental. No Mundo Antigo, poucas palavras eram mais temidas do que àquelas que nomeavam as forças das trevas. Em muitas culturas arcaicas da magia, os nomes de demônios e espíritos malignos diversos eram considerados um candeeiro, que chamava essas forças das profundezas, sempre que fossem pronunciados. Porém,



A Jornada do Kimbanda ao Inferno (ou A Jornada do Kimbanda ao Reinado de Maioral)
Arte de Luan Silva (@luanode_)

de igual modo, se acreditava que os nomes destes espíritos serviam para compeli-los, comandá-los, controlá-los, abjurá-los e bani-los. Em O TESTAMENTO DE SALOMÃO, o Rei Salomão exige o nome de uma série de demônios para comandá-los. Ao conhecer os nomes dos demônios, imediatamente ele passava a ter sobre eles autoridade mágica. Como vimos na edição anterior, foi este o escrito que inaugurou a tradição salomônica, que teve profunda influência no desenvolvimento da demonologia europeia na Idade Média. Foi à tradição salomônica que ajudou a estabelecer a crença que os demônios poderiam ser compelidos e aprisionados usando o nomes santos de Deus. Foi à tradição salomônica que apresentou os demônios como forças reais sobre a matéria, atribuindo a eles todo tipo de calamidade, desastre e morte sobre os homens. Essas ideias já estavam cristalizadas em culturas antigas, como a dos egípcios, caldeus, sumérios e gregos. Mas, quando a figura do Rei Salomão foi introduzida nesse contexto, essas ganharam importância também entre os cristãos, judeus e muçulmanos.

O TESTAMENTO DE SALOMÃO também alimentou a ideia de muitos demônios serem anjos caídos ou a progênie diabólica destes anjos, com as filhas dos homens, que já estava presente em tradições judaicas mais antigas e que foi sugerida nos primeiros capítulos do GÊNESIS.

A crença no poder do Rei Salomão, como um mago conjurador de demônios, foi responsável, em parte, pelo surgimento de um intrincado sistema de magia baseado na convocação e abjuração de demônios e um dos elementos fundamentais, deste sistema salomônico de magia, era o conhecimento dos santos nomes de Deus e o nome dos demônios que se pretendia conjurar.

A crença no poder mágico dos nomes, nas culturas arcaicas da magia, fundamentou o desenvolvimento de inúmeras armadilhas de espíritos, salvaguardas mágicas, como: amuletos, pulseiras e vasilhames de proteção, patuás, filtros etc. Além de uma série de práticas para espantar e afugentar as forças do mal.

Até aqui vimos que o homem possui as ferramentas pelas quais exerce poder e autoridade sobre demônios e todo tipo de criatura espiritual. Mas, os Exus da Quimbanda,

por que eles têm poder sobre os demônios ou por que é possível conjurar e abjurar os demônios, por meio do poder dos Exus? Porque, assim como os santos cristãos, que detinham poder sobre os demônios, os Exus da Quimbanda são espíritos deificados e, como tal, são conhecidos como *Poderosos Mortos*.

Para entender isso, precisamos nos debruçar, rapidamente, sobre a ideia de deificação espiritual e a ideia de segunda morte. Em um texto, a ser publicado, chamado A Tradição de Quimbanda, construímos um glosário explicativo sobre algumas ideias-chave, que reproduzo a seguir:

- *Poderosos Mortos*: termo que designa as almas deificadas na tradição de Quimbanda, os Exus e Pombagiras, Guias e Mestres Espirituais da humanidade. Almas deificadas são espíritos ancestrais iluminados, que auxiliam na prática espiritual e no cumprimento do destino dos *kimbandas*. Os termos Exu e Pombagira não são nomes quaisquer, mas títulos de honraria e dignidade espiritual; esses títulos não são conferidos a quaisquer espíritos de mortos (*égún*), mas a almas merecedoras de participarem das Hordas e Falanges de Chefe Império Maioral, a Fonte de onde emanam todas as Legiões de Exus e Pombagiras, bem como os Reinos da Quimbanda. A Quimbanda oferece, dessa maneira, um caminho mágico e místico para evolução da alma, despertar e deificação (iluminação) espiritual.
- *Deificação da alma*: muitos se enganam àqueles que pensam que a tradição de Quimbanda adota a visão kardecista de reencarnação, como ocorre na Umbanda. A tradição de Quimbanda mantém o ponto de vista da cultura banto, que não vê sentido algum na reencarnação como uma sucessão cíclica de vidas. Diferente disso, a Quimbanda vê a continuação do espírito, após a morte do corpo físico, podendo ele influenciar a matéria e desfrutar dela temporariamente, através do fenômeno da incorporação mediúmica. Isso significa que, após a morte, o espírito torna-se membro de uma família espiritual, participando

temporariamente da comunidade, estando incorporado em um adepto da tradição. Para tal, o espírito deve ter sido deificado, superando a segunda morte.

Deificação é um termo que significa divinizar ou endeusar a alma. É um conceito presente no platonismo, neoplatonismo médio, tardio e cristão. Trata-se do esforço pessoal em iluminar a alma, quer dizer, preenchê-la de luz. O termo é trazido à tradição de Quimbanda para explicar o processo de transformação na alma, que garante o espírito do *kimbanda* a participar das Falanges de Exu e Pombagira, no *post mortem*.

Na tradição de Quimbanda, o processo de deificação da alma ocorre através de: 1. o conhecimento e conversação com os Poderosos Mortos e; 2. através dos processos ritualísticos propiciatórios do culto. Esses são os mecanismos fundamentais para deificação da alma na Quimbanda. O conhecimento e conversação com os Poderosos Mortos amplia a consciência do adepto, enriquecendo-a com as virtudes da honra e da força.

O contato com os Exus revitaliza as forças espirituais do feiticeiro. É a assistência espiritual ou *conhecimento & conversação*, com estes Poderosos Mortos, o agente de gnose que transforma, transmuta e refina os construtos da alma. Nos tempos de aridez espiritual, é o sangue ancestral dos Poderosos Mortos que encharca a terra seca da alma, restabelecendo sua vida e revitalizando suas forças. Nos sistemas tradicionais de desenvolvimento espiritual, tornar-se um ancestral no *post mortem*, participar de sua Gira ou Companhia de Santos, ter este merecimento, é um dos objetivos fundamentais da jornada mágica.

- *Segunda morte*: termo que aparece no LIVRO DO APOCALIPSE (2:11) e denota a alma que venceu sua corruptibilidade. A primeira morte equivale a morte do corpo físico; a segunda morte equivale a morte da alma, quando seus

construtos (memória, razão, emoções etc.) são separados e destruídos. O homem que vence a segunda morte, portanto, mantém intacta a sua alma, com a coesão integral de seus construtos, como quando ainda em vida. Somente almas deificadas vencem a segunda morte.

No contexto da Quimbanda, segundo as orientações dos próprios Exus, a alma deificada de um *kimbanda* não perde sua identidade, mas torna-se algo maior ao ser admitida nas Falanges de Maioral, integrando seu exército.

Os Poderosos Mortos são mortos santificados, iluminados ou sagrados. Dessa maneira eles não são qualquer tipo de mortos, pois conquistaram um elevado nível de conhecimento e iluminação espiritual, por meio de um processo de deificação, responsável por transmutar e refinar as qualidades da alma. Na tradição da Quimbanda, mortos que participaram do processo de deificação da alma e tiveram sucesso em fazê-lo são integrados nas falanges de Exus e Pombagiras.

Os mortos que desencarnaram sem passar por este processo de deificação da alma tornam-se *égún*, no desencarne. Aqueles mortos que passaram pelo processo de deificação e não obtiveram sucesso tornam-se Quiumbas, feiticeiros desencarnados malignos que vampirizam (comem) ou utilizam *égún* aos seus serviços. A prática ou técnica espiritual para lidar com estes Quiumbas, onde o *kimbanda* os coloca aos seus serviços, chama-se *Quiumbanda*.

Toda cultura mágica reconhece o valor daqueles mortos que obtiveram sucesso ao trilhar a jornada espiritual. Esses mortos deificados, tornam-se exemplos a serem seguidos por aqueles que ainda buscam pelo mesmo sucesso na jornada. Na tradição da Quimbanda, os Poderosos Mortos, são espíritos de antigos feiticeiros, xamãs, bruxos, magos e alquimistas, profundos conhecedores da *Arte Notória* que inspiram o caminho do *kimbanda*. Então, os Exus e Pombagiras são, para o *quimbanda*, o que os Mestres Ascencionados são para os teósofos e outros que utilizam o sistema e a linguagem de Blavatsky, como os eubiotas da Sociedade Bra-

sileira de Eubiose, que defende um sistema brasileiro de teosofia.

Os Poderosos Mortos, no sistema de Blavatsky, são os *Mestres do Oriente*, um conjunto de instrutores e guias espirituais, constituídos fundamentalmente de *bodhisattvas*. Um *bodhisattva* é um adepto, que busca o estado búdico de alma, não por apego a sua jornada e iluminação espiritual, mas pela evolução da humanidade. Trata-se de um adepto iluminado, que vive em um estado trans-humano, ou seja, entre a consciência humana e o estado de consciência de realização plena, de quem conquistou o nirvãa.

No Oriente é comum a ideia de que um *bodhisattva*, ou mestre espiritual que conquistou a iluminação, torna-se um *siddha*, ou seja, um adepto com conhecimento e terríveis poderes de magia, capaz de manter a imortalidade do corpo físico. No taoísmo chinês, por exemplo, mestres que aprenderam a manipular o tao, através de um refinado processo alquímico, de técnicas taoístas, tornam-se imortais. Eles são descritos como magos, xamãs e feiticeiros detentores de poderes mágicos e conhecedores da magia, humanos que transcenderam a condição humana. Por conta dessa ideia, os *Mestres do Oriente* venerados pelos teósofos, podem manter ou se manifestar através de corpos físicos. Alguns relatam que esses mestres possuem o corpo físico e são capazes de desintegra-los e/ou fazerem aparecer novamente, onde e quando querem. O Conde de St. German, o Mestre Mória, o Mestre Kutumi, o Mestre Jesus Cristo e outros tantos, completam a falange de *Mestres do Oriente*. Uma das mais conhecidas histórias destes *Mestres do Oriente* é a da *bodhisattva* Quan Yin. Ao conquistar o nirvãa, Quan Yin escutou os milhares de gritos de dor e aflição de mães e filhos que sofrem pelo mundo. Ela, então, renunciou sua iluminação para estar entre os homens, até que eles tenham plenas condições de se iluminarem. Assim, como uma *bodhisattva*, que vive em dois planos, o secular e o espiritual, ela tornou-se capaz de ouvir e suportar as preces de milhares de clementes por auxílio espiritual.

Com o advento do revivamento maçônico-rosacruziano, do fim do Séc. XVIII, essa ideia dos *Mestres do Oriente* ampliou-se, tomando novos caminhos. A Sociedade Teosó-

fica de Blavatsky iniciou um intenso fluxo de matérias ocultistas orientais, que influenciou e alimentou um renascimento mágico-iluminista na Europa. A partir de Blavatsky, quando tradições ocultistas orientais e ocidentais puderam ser comparadas e integradas, possibilitou-se a formação de novas narrativas espirituais. Ordens paramaçônicas começaram a agrupar conhecimento oculto do Ocidente e Oriente, criando sistemas mistos que incluíam técnicas mágico-espirituais de culturas diversas. Yoga, meditação, vegetarianismo e alquimia orientais tornaram-se matérias nos currículos iniciáticos da Tradição Esotérica Ocidental moderna, ao lado de kemetismo, hermetismo etc. O resultado disso foi a eclosão de um sem-número de sistemas confusos, fantasiosos e falastrões. A Ordem Hermética da Aurora Dourada pode ser considerada uma continuadora do processo de abertura espiritual iniciado pela Sociedade Teosófica. Aleister Crowley, por exemplo, considerava-se um continuador do trabalho de Blavatsky, mas nos seus próprios termos. Kenneth Grant, fiel discípulo de Crowley, argumenta em sua obra *Renascer da Magia* que Aleister Crowley e o sistema thelêmico de iniciação não foram somente a continuação do trabalho de Blavatsky, mas também um resultado espiritual do trabalho dela.

Na Ordem Hermética da Aurora Dourada os Poderosos Mortos, ou *Mestres do Oriente* de Blavatsky, manifestaram-se como os *Chefes Secretos*. Essa ideia dos *Chefes Secretos* foi apropriada por Aleister Crowley, em seu sistema thelêmico dos escombros da Aurora Dourada. Um dos fundadores da Aurora Dourada, S.L. MacGregor Mathers, dizia-se estar em comunicação com os *Chefes Secretos*. Ele afirmava receber deles as instruções da ordem. Aqui os *Chefes Secretos* constituíam um conjunto invisível de adeptos emancipados, que guiavam a hierarquia visível de mestres da ordem. Os *Chefes Secretos* eram, então, os Chefes espirituais que constituíam a terceira ordem, jamais conquistada em corpo físico. Eles ditavam as regras para segunda ordem, o conjunto de adeptos mortais que comandavam as regras da primeira ordem. Essa hierarquia espiritual foi mapeada sobre o glifo da Árvore da Vida. Os *Chefes Secretos*, nesse glifo, eram alocados nas supernas, as três últimas e mais elevadas *sephiroth* da Ár-

vore da Vida. Mathers demonstra certa confusão de ideias ao falar sobre eles em 1896 aos membros da segunda ordem:

Em relação aos *Chefes Secretos* com quem eu estou em contato e de quem eu tenho recebido a sabedoria da Segunda Ordem que eu lhes comuniquei, não posso dizer-lhes nada. Eu nem mesmo sei seus nomes terrestres e eu os tenho visto com muita raridade em seus corpos físicos [...]. Eles costumavam me encontrar fisicamente em uma época e lugar fixados com antecedência. De minha parte eu creio que eles sejam seres humanos vivendo na terra, mas imbuídos de poderes terríveis e super-humanos [...]. Meus encontros físicos com eles têm mostrado-me quão difícil é para um mortal, ainda que «avançado», suportar a presença deles [...]. Eu não quero dizer que durante meus raros encontros com Eles eu experimentei o mesmo sentimento de depressão física intensa que acompanha a perda do magnetismo. Ao contrário, eu senti que estava em contato com uma força tão terrível que eu somente a comparo ao choque que alguém receberia de um relâmpago durante uma grande tempestade, experimentando ao mesmo tempo grande dificuldade de respirar [...]. A prostração nervosa da qual eu falei foi acompanhada por suores frios e um intenso sangramento no nariz, boca e às vezes nos ouvidos.^[16]

Mathers, como podemos ver - assim como Blavatsky-, acreditava na existência corpórea dos *Chefes Secretos*. No entanto, adeptos avançados teriam plenas condições de se comunicarem com os *Chefes Secretos*, espiritualmente. Essa comunicação, com base na espiritualidade particular de cada um, ou seja, sua mediunidade ou paranormalidade desperta, ou mesmo por meio de estados alterados de consciência, podia, por sua vez, criar na mente de alguns adeptos uma confusão de realidades. Em sua obra *A FONTE DE HÉCATE*, Kenneth Grant, chama essa confusão ou entrecruzamento de realidades de *pericorese*, um fenômeno que possibilita, por exemplo, a manifestação do que se conhece como *poltergeist*. Os *Mestres do Oriente*, da Grande Fraternidade Branca, venerados pelos teósofos, são os mesmos *Chefes Secretos* venerados pelos magistas da Aurora Dourada e thelemitas da *Astrum Argentum*. Existe uma corrente de continuidade espiritual entre Blavatsky, Mathers e Crowley. Os *Chefes Secretos*, por-

[16] S.L. MacGregor Mathers citado por Kenneth Grant em *ALEISTER CROWLEY & O DEUS OCULTO*, tradução pessoal.

tanto, usaram adeptos e metodologias distintos para influenciar os rumos espirituais da humanidade nesta nova era, integrando os ocultismos ocidental e oriental.

Como os Exus e Pombagiras da Quimbanda, os *Mestres do Oriente* ou *Chefes Secretos* da Grande Fraternidade Branca, também identificados como *Adeptos dos Planos Internos*, considerados mestres iluminados e secretos aos profanos, foram magos, feiticeiros, bruxos e alquimistas que passaram e foram bem sucedidos na deificação de suas almas, quer dizer, se iluminaram espiritualmente. Aleister Crowley, assim como Mathers, afirmou estar em contato com os *Chefes Secretos* e, a partir deles, codificou uma doutrina mística chamada de *thelema*. Sobre os *Chefes Secretos* e compartilhando das mesmas impressões de Blavatsky e Mathers, Crowley afirmou:

Eles podem induzir uma menina a bordar uma tapeçaria, ou dar início a um movimento político para culminaria em uma guerra mundial, todos em busca de um plano inteiramente fora do alcance e da compreensão dos pensadores mais profundos e mais sutis. [...] Mas quem são eles? [...] Eles são homens, no sentido usual da palavra? Eles podem estar encarnados ou desencarnados; isto é uma matéria de Sua conveniência.^[17]

Com e influenciados pelo revivamento mágico-maçônico-rosacruziano, do fim do Séc. VIII, e seu ápice, a formação da Ordem Hermética da Aurora Dourada, nasceram movimentos neopagãos, baseados nas mesmas premissas modernas. Um deles, talvez o mais notoriamente conhecido, foi a feitiçaria moderna inglesa encabeçada, por Gerald Gardner, fundador da *feitiçaria tradicional*, chamada Wicca. As bases de formação da Wicca são os ensinamentos fragmentados de um *coven*, chamado *New Forest*, magia popular e ocultismo ingleses, a magia cerimonial moderna de Crowley e a magia tradicional salomônica da Idade Média.

Embora poucos se atentem ao fato - assim como Crowley e sua doutrina thelemica podem ser considerados o resultado do trabalho de Blavatsky -, Gardner e sua Wicca podem ser considerados o resultado e a continuação do trabalho de Crowley. É na Wicca

[17] Aleister Crowley, *MAGICK WITHOUT TEARS*.

de Gardner, que pela primeira vez, os *Chefes Secretos* da Grande Fraternidade Branca são apresentados como os *Poderosos Mortos*, da tradição da feitiçaria, ecoando as vozes da feitiçaria praticada na Europa, nos Sécs. XV e XVI. O conhecimento desta tradição medieval de feitiçaria foi transmitido a Gardner de alguma forma misteriosa. É interessante notar que, os diversos ciclos de reencarnação e a deificação da alma para Gardner, estão em sincronia com a interpretação da feitiçaria da Antiguidade e Idade Média, coincidindo com a interpretação da Quimbanda:

Pode parecer que envolve uma série infinita de reencarnações; mas me disseram que em algum tempo você se torna poderoso, também chamado de *poderoso morto*. Nada pude aprender sobre eles, mas me parecem uma espécie de semideuses - mas também poder-se-ia chamá-los de santos.^[18]

Gardner também descreve que um dos benefícios em ser admitido em um *coven* de feitiçaria é o contato com os *Poderosos Mortos*:

Estou proibido de revelar algo mais; mas, se você aceitar a regra dela [a Deusa], tem a promessa de vários benefícios e um deles é ser admitido no círculo, apresentado os Poderosos Mortos e aos membros do culto.^[19]

A seguinte declaração de Gardner, sobre os Poderosos Mortos, faz uma ponte entre a comunicação e trado de um *kimbanda* com Exus e Pombagiras. No entanto, na citação Gardner os compara com santos, veja:

Você não deve pedir diretamente a Ele o que você quer, mas rezar para algum santo, que é um homem morto, da forma como o vemos, embora alguém a quem poderíamos chamar de *poderoso morto*, e você deve lhe dar dinheiro antes de esperar receber favores.

Na tradição da Quimbanda, Exus e Pombagiras não trabalham de graça. O *quimbanda*, em *conhecimento & conversação* com eles, deve pagar o preço exigido, para que obtenha favores deles. Esse tema, no entanto, exige minuciosos detalhes para compreensão profunda e o deixaremos para outro capítulo.

Em sua obra, O SIGNIFICADO DA BRUXARIA, Gardner os descreve apenas como *Poderosos* e afirma que eles podem se manifestar, caso queiram, como deuses, como os guardiões das direções do espaço. Gardner também os apresenta como os *Anciãos* do Culto das Bruxas, colocando ênfase que o feiticeiro pode se tornar um deles, se emancipando do ciclo de reencarnações:

As bruxas modernas acreditam que no momento da morte os «Poderosos», os Anciãos do culto, vêm a elas com flores e as levam a um lugar favorecido onde se encontram os iniciados que se foram antes dela.^[20]

Robert Cochrane, um bruxo do Clã Tubalcain, contemporâneo de Gardner e seu opositor, tem sua própria abordagem acerca dos Poderosos Mortos, embora ele não os identifique por este nome. Enquanto Gardner demonstrava apenas ser ciente da existência deles, Cochrane ensinava métodos para o *conhecimento & conversação* com eles. Cochrane defendia uma feitiçaria mais pé no chão, baseada na transmissão pessoal, dentro de clãs organizados, uma forma mais tradicional de feitiçaria do que aquela popular, ensinada por Gardner. Na tradição de bruxaria de Cochrane, os Poderosos Mortos eram reconhecidos como a *Companhia Oculta*. No Clã de Tubalcain, prefere-se usar esse termo porque eles passam a caminhar e trabalhar ocultamente, junto ao adepto, após sua iniciação no clã.

Os *Poderosos Mortos*, almas deificadas de feiticeiros, xamãs, magos e alquimistas pelo mundo, aparecem com muitos nomes, em várias outras tradições modernas e antigas. Sobre eles, em *A Doutrina Cósmica* (Pensamento, 1988), Dion Fortune diz: “O que você é agora, eles um dia foram; o que eles são agora, um dia você pode ser”. E como veremos adiante, essa frase de Fortune agrega o conhecimento arcano acerca deles. Os *Poderosos Mortos*, são os mestres invisíveis de muitas tradições, uma vez encarnados na matéria e que estão em conexão com muitos adeptos, segundo suas próprias tradições e que os inspiram, protegem e instruem. Mestres Ascensionados (teosofia), *bodhisattvas* (budismo), Nemos (thelema), Grande Fraternidade Bran-

[18] Gerald Gardner, BRUXARIA HOJE. Madras, 2013.

[19] Ibidem.

[20] Gerald Gardner, O SIGNIFICADO DA BRUXARIA. Madras, 2014.

ca (teosofia/thelema), *Adeptos dos Planos Internos* (Aurora Dourada), Santos Iluminados (cristianismo católico), Heróis e Semideuses (religião e teurgia gregas), Companhia dos Guardiões de Avalon (mitologia britânica arturiana), Einherjar (mitologia nórdica), Antigos da Casa de Israel (religião judaica), Tzadikim e Maggid (misticismo judaico), Exus e Pombagiras (Quimbanda), Ngangas (cultura banto africana), Pretos-Velhos e Caboclos (Umbanda) etc.^[21]

Tendo destacado a semelhança entre *daimones* gregos e os Exus e Pombagiras, seguindo com a demonstração de que não se tratam de demônios, mas almas deificadas, que comandam os demônios, a seguir vamos nos debruçar um pouco mais sobre a deificação da alma para tornar-se um Exu ou Pombagira, no *post mortem*.

Toda tradição religiosa, mágica e mística oferece um caminho e um objetivo a ser seguido e conquistado; ele representa uma consecução espiritual final, a realização de um projeto ou obra, a coroação de uma árdua jornada de iniciação.

Na tradição da Quimbanda, o *kimbanda* espera tornar-se um Exu ou Pombagira, integrando a grande falange de Poderosos Mortos, os *Chefes Secretos* da Quimbanda. Duas fórmulas mágicas são usadas para esse processo de deificação: i. o contato com espíritos; e ii. as cerimônias de sacrifício propiciatório aos Exus. Como vimos nas duas citações, que abrem este ensaio, o contato com espíritos refina e amplia as capacidades da alma; o *sacrifício*, por outro lado, purifica a alma de suas mazelas, capacitando-a ao processo alquímico de deificação.

Essa crença da alma deificada, na Quimbanda, está em direta concordância com os feiticeiros da Antiguidade. Como delineamos, no *Curso de Filosofia Oculta*, os feiticeiros dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS se preocupavam com a deificação de suas almas^[22] e um dos procedimentos mágísticos, utilizados por eles, foi o sacrifício cerimonial de um animal. Após ser sacrificado, por meio de um rito de afogamento, um falcão torna-se um *paredros*, ou seja, um espírito assistente

deificado. Todo animal sacrificado, cerimonialmente, torna-se um espírito deificado^[23] e pode constituir o conjunto de espíritos familiares do feiticeiro, nas crenças dos magos da Antiguidade. Somente uma alma deificada pode deificar outra alma. O espírito deificado pelo mago, posteriormente, o deificaria no fim da vida. A mitologia grega está repleta de relatos de deuses deificando almas humanas em heróis ou semideuses. Na Quimbanda não é diferente: o contato com os Poderosos Mortos da Quimbanda, os Exus e Pombagiras, refina as qualidades da alma e amplia a consciência dos adeptos, preparando-os para deificação. O *quimbanda*, espera que seu *Exu tutelar* lhe auxilie a tornar-se, no fim de sua vida, um Exu.

A escolha do falcão, pelo mago dos papiros gregos, é interessante. Esse é um animal que voa nos ares mais altos. Os feiticeiros dos papiros pensavam que, por causa dessa capacidade, o *paredros* iria levar a alma deles para longe do Hades, pois passar o pós-morte no submundo, não era algo que alguém quisesse na Antiguidade, no entanto, entendia-se que, bem poucos eram agraciados pelos deuses, para se livrarem do cativeiro do Hades. Os feiticeiros, por outro lado, detinham tecnologia mágica para se libertar magicamente do Hades. A deificação de um animal era uma dessas tecnologias; talvez a mais poderosa.

Vejamos um exemplo prático na tradição da Quimbanda: uma das Pombagiras muito especiais de trabalho é Maria Mulambo. Sua ação na alma dos adeptos dá início a um profundo processo alquímico de transmutação, que opera sobre o lixo psíquico/psicossomático que entulhamos nas estradas sinuosas da vida. Por conta desse entulho, que trazemos na alma, chegamos na Quimbanda com a *alma mulamba*, suja, maltrapilha. Mas, a Quimbanda é uma tradição-mestra de recondição da alma e transformação espiritual. A Pombagira Maria Mulambo atua na transmutação do lixo interno, que carregamos, nossos vícios mais asquerosos e profundos, nossos medos mais infundados. Por isso, é uma das Pombagiras mais ativas da Quimbanda. Ela tornou-se uma Pombagira por ter suportado muita dor e sofrimento, enquanto escrava, tornando-se um símbolo de *resistên-*

[21] O leitor é incentivado a estudar cada uma dessas tradições e tirar suas próprias conclusões.

[22] Veja o Suplemento de Estudo *Os Papiros Mágicos Gregos & a Macumba Brasileira*, disponível no site.

[23] Essa é a gênese da ideia do *animal de poder* no xamanismo.



A Coroação do Nganga (ou A Coroação do Exu)
Arte de Luan Silva (@luanode_)

cia espiritual, diante os intempéries da vida e *revolta* contra cadeias de estagnação, que prendem a alma em sua glória e expressão. Maria Mulambo é profunda conhecedora dos arcanos da magia, tendo aprendido-os ainda em vida, através de uma feiticeira/benzedeira, que lhe transmitiu todos os seus segredos. Ela hábil na quebra de demandas, expurgando da alma dos adeptos todo lixo lhes enviado na forma de magia negra, inveja, olho grande e olho gordo. Dentre as Pombagiras com expertise na arte de amarração, Maria Mulambo é uma das mais conhecidas, sendo capaz de unir profundamente as almas que estão separadas. Seu reino de atuação é a Lira e suas zonas de poder são as malocas, favelas, lixões e áreas de reciclagem de lixo. Onde quer que material denso ou força espiritual imunda se acumule, ali se cria uma zona de ação de Maria Mulambo. Por conta disso, sua atuação se espalha por todos os Reinos de Quimbanda. O *kimbanda* trabalha com Maria Mulambo para transmutar os vícios e hábitos nocivos da alma em força e dinamismo espirituais, através do ímpeto de luta e de mudança, de liberdade contra obstáculos internos e externos da alma; no *Chão de Quimbanda*, ela atua na limpeza dos detritos físicos e espirituais, do templo e de seus adeptos.

Tendo demonstrado a atuação de espíritos no refinamento dos poderes da alma, passemos a ferramenta teúrgica do sacrifício. No texto *Teurgia, Goécia & Quimbanda* disponível no blog do Site Quimbanda Nàgô eu destaquei:

Na teurgia, a *ciência do corte* é o eixo porque é do sacrifício que todos os outros fenômenos teúrgicos rituais ocorrem: divinação através de oráculos, divinação por incorporação mediúnica, purificação, ascensão da alma, consagrações, imantações etc. O corte é o elemento fundamental que dá a ignição no processo teúrgico. Na tradição da Quimbanda não é diferente: a *ciência do corte* é o eixo da Quimbanda. Dessa maneira, a prática da Quimbanda está em direta harmonia e conexão com a prática da teurgia como compreendida na Antiguidade tardia. [...] Nas religiões pré-cristãs da Antiguidade o sacrifício de um animal consagrado e santificado para a teurgia tratava-se de um ofício sagrado. O sangue carrega a essência da vida que alimentava as deidades. Por meio do sangue sacrificial se estreitam os laços entre os homens e os deuses, entre as almas encarnadas e seus

ancestrais; buscava-se através do sangue por proteção espiritual e cura das mazelas do corpo e da mente; o sangue do sacrifício era uma oferenda que glorificava as deidades, seus poderes, e através dele era esperado receber as virtudes e bênçãos dos deuses e ancestrais. Como o sangue está estreitamente conectado a fertilidade e continuidade da vida, o sacrifício era o ato teúrgico de se doar a vida para receber dos deuses a própria vida na forma de renovação espiritual em nossa jornada encarnados na matéria. Além disso, acreditava-se que o sacrifício libertava a alma do animal de seu cativo no reino da geração, o que garantia a continuação de sua existência no pós morte: todo animal sacrificado torna-se um espírito de alma deificada. Isso tem implicações profundas e um grande impacto na carreira magística/teúrgica, pois que estes espíritos podem auxiliar o mago em sua jornada. Este arcano iniciático do passado está presente, por exemplo, nos *PAPIROS MÁGICOS GREGOS*. Na feitiçaria dos papiros um falcão é deificado através de um sacrifício teúrgico, responsável por torná-lo um *paredros*, um espírito assistente.

A *ciência do corte* ou sacrifício magístico-sacerdotal de deificação animal é a ferramenta fundamental de trabalho mágico da Quimbanda. Trata-se de uma ciência porque, por meio dela o *quimbanda*, purifica e deifica sua alma. O corte não apenas alimenta as entidades, mas também produz uma poderosa alquimia na alma do feiticeiro. No Ritual de Iniciação Quimbanda, onde a *ciência do corte* é transmitida, o primeiro sacrifício realizado pelo feiticeiro é fundamental para iniciar este processo alquímico na alma, assim como aproximá-lo, definitivamente de sua *egregora pessoal*, quer dizer, o conjunto de espíritos que acompanharão o feiticeiro em sua jornada espiritual. Isso está em direta sincronia com a teurgia do neoplatonismo baixo ou tardio. No mesmo texto citado acima eu destaquei:

[...] Quem se beneficia da imolação sacrificial? Nós, as almas encarnadas que nos beneficiamos! Para Jâmblico, o sacrifício era o elemento chave para a purificação da alma, através do qual ela tornar-se-ia eficientemente um *augoeides*, quer dizer, um ovo de luz reluzente, uma alma deificada. Portanto, a imolação sacrificial na teurgia liberta a alma de seus apegos ao reino da geração. Jâmblico também discute a validade do sacrifício para resolver as demandas da vida, mas sua ênfase consiste na purificação da alma. Ao alimentar a pira de fogo com sangue e carne animal, entrega-se ao

fogo também as mazelas da alma, suas limitações e escuridão. A alma se ilumina no curso da imolação sacrificial. [...] Jâmblico oferece uma nova explicação em defesa da imolação teúrgica de um animal. Mas nós podemos também encontrar, de certa forma, essa premissa teúrgica na Quimbanda; um ritual de imolação na Quimbanda também purifica a alma de suas mazelas.^[24]

Jâmblico, em sua obra *DE MYSTERIIS* (Capítulo V), apresenta o sacrifício cerimonial como o elemento chave de adoração aos deuses, pelas almas corporificadas. Por conta da materialidade do corpo físico, a alma se encontra em uma condição anatrópica, ou seja, invertida. O rito sacrificial inverte a condição anatrópica da alma, libertando-a do apego ao reino da geração e todas as questões que o envolvem. O sacrifício não atua somente na alma, mas na saúde do corpo. Os complexos traumáticos que carregamos, o lixo psíquico que acumulamos na vida, são psicossomáticos. Eles se encontram entranhados nas camadas mais profundas da pele. Com esse lixo psíquico degradante, se acumula, nas camadas profundas da pele, inúmeras toxinas adquiridas por um estilo de vida degradante e profano. O ofício magístico, do sacrifício cerimonial, purifica as camadas mais profundas da pele e da mente. Jâmblico diz que o sacrifício aniquila aquilo que em nós é superficial e supérfluo, dotando a alma com as virtudes ideais a sua deificação.

Por outro lado, como Exus e Pombagiras são espíritos materiais,^[25] ou seja, possuem um *ochēma* (veículo pneumático), que os possibilita atuar no reino da geração; eles precisam, para fazê-lo, de uma ferramenta cerimonial adequada, que lhes confira força e poder vivificantes. Essa ferramenta é o

sangue do sacrifício.^[26] Como espíritos tutelares, Exus e Pombagiras, compartilham com o *kimbanda* os seus poderes de magia. Isso é feito através do consumo do sangue sacrificial, junto a uma bebida que contenha o aze das entidades.

Exus e Pombagiras atuam no reino da geração utilizando os poderes contidos no reino da geração. Por isso, eles têm zonas de poder apropriadas a sua atuação. O *povo dos caveiras*, por exemplo, atua na calunga pequena, quer dizer, no cemitério. O *quimbanda*, para ter acesso real e total aos poderes do *povo dos caveiras*, deve se dirigir aos cemitérios, ali realizar suas entregas, consagrações e imantações de talismãs etc., assim como o sacrifício para eles. Se a atuação de Exus e Pombagiras utiliza os poderes do reino da geração, a sábia combinação de elementos (Fogo, Ar, Água e Terra), é um dos fundamentos da *ciência do corte*, pois o sangue sacrificial vivifica o poder da combinação dos elementos, o que produz a taumaturgia da magia na Quimbanda. Estando imersos no reino da geração, nosso corpo e alma fazem parte dele, são constituídos e influenciados por ele. A combinação adequada de elementos vivificados pelo poder do sangue sacrificial, purifica o complexo corpo e alma, bem como dá poder e realidade aos trabalhos de magia realizados pelo *kimbanda*.

Táta Nganga Kimbanda
Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro
Instagram: @tatakamuxinzela

[24] Ibidem.

[25] Na teurgia, deuses materiais devem ser adorados com sacrifícios materiais, o que inclui o sangue de animais imolados. Jâmblico diz: [...] *E assim, em sacrifícios, o abate de animais e o consumo de seus corpos e todo tipo de mudança e destruição, e em geral o processo de dissolução, são adequados para os deuses que presidem a matéria - não para eles em si mesmos, mas por causa do assunto sobre o qual eles governam.* Veja *DE MYSTERIIS*, V:15. Na próxima seção (V:16), Jâmblico explica porque a natureza corpórea do sacrifício: *Então, de fato, não lidamos com o corpo em um plano intelectual e incorpóreo, pois o corpo não se relaciona naturalmente com esses modos de tratamento; é antes participando do que é semelhante a si mesmo, através dos corpos, de fato, que um corpo é nutrido e purificado. O procedimento de sacrifícios para esse fim será, então, necessariamente corpóreo.* Aqui, quando Jâmblico enfatiza a natureza corpórea do sacrifício, está falando da necessidade do sangue sacrificial.

[26] Por esse motivo outros elementos são oferecidos na forma de oferendas, que incluem cachaça ou gin, tabaco, farofa (padê) etc.

Como Exu Orixá se tornou o Exu da Umbanda?

Espiritualidade banto se confunde com a espiritualidade iorubá

O sistema mágico-religioso brasileiro é composto por diversos tipos de influências culturais, sejam dos povos que aqui já se encontravam - os povos originais - ou dos que aqui chegaram, pelas mais diversas formas - portugueses, africanos, etc.

Seja como for, não há como procurar uma pureza doutrinária em nenhum tipo de religiosidade e prática mágica encontrada no Brasil. Todas sofreram influências entre si e já em suas próprias terras natais, existia o intercâmbio cultural.

Quando falamos sobre Exu, a primeira imagem que vem a nossa mente é, exatamente, do Orixá africano, o comunicador dos Orixás, a grande Boca do Mundo, que a tudo come. Esse Orixá tem contornos bem próximos da nossa identidade de Exu em terras brasileiras. Mas, toma outro aspecto, quando começam as manifestações de entidades, que carregam esse nome.

Para compreender isso, devemos entender como o processo - forçoso - de migração dos povos africanos se dá em terras brasileiras e, a princípio, dissipar o equívoco de achar que indígena e africano se referem a uma única classe cultural.

Longe disto, quando nos remetemos a um povo africano, como sendo um só, estamos cometendo um grande equívoco, visto que a África é um continente de grandes proporções, um caldeirão cultural, linguístico, religioso e místico incrível. Mesmo em uma pequena extensão de terra, podemos encontrar distintos povos, com culturas diferenciadas em seus métodos tribais (tradicionalistas) de culto.

O que temos hoje no Brasil, é uma reinterpretação dos mitos e da religiosidade Africana, simplificada e apagada de sua origem, mas adequada ao processo migratório forçado por meio da escravização da popu-



Candomblé no Rio de Janeiro, década de 1960. Êsù de Pai Djalma de Lalu. A foto pertence ao acervo do SIAN.

lação do continente africano.

Em África, temos a presença de diversas etnias que foram separadas - em uma visão ocidental - em grandes grupos, que para nosso estudo, vamos nos deter entre Bantos, Iorubás, Fons e Malês.

O povo Banto é visto como um dos mais antigos em sistema de cultura. Porém, não podemos dizer que são todos um só povo. Banto é uma denominação pela classe linguística similar com o que ocorre no Brasil com os povos Tupis-Guaranis, que diferem em cultura, na própria língua, nos mitos e deuses, mas têm semelhanças que "podem" ser agregadas em grupos, para estudo e compreensão.

O povo dito banto é um conjunto de povos que habitavam o Centro-Oeste Africano, na África subsaariana, onde compreende hoje as nações de Angola, os dois Congos, Gabão, Cabinda, norte da África do Sul, parte de Moçambique, etc.



Registro: Umbanda no Rio de Janeiro, novembro de 1968. As fotos foram publicadas no jornal Correio da Manhã em 16 de janeiro 1971, p. 3-4

Todavia, os pesquisadores estimam que, cerca de 300 grupos étnicos diferentes, podem ser colocados dentro desse grupo maior, chamado povo Banto. Até mesmo sua língua, apesar de próxima, é diferente. Podemos comparar que o sistema Banto é, praticamente, o mesmo que dizer Línguas Latinas para a Europa, que seriam línguas influenciadas pelo latim, mas que tomaram outros contornos, como o Português, o Romeno, o Francês, o Italiano, o Espanhol, etc.

Alguns estudos sugerem que os povos bantos se originaram nas regiões fronteiriças, entre a atual República de Camarões e a Nigéria e que começaram a migração para o sul e espalharam-se por mais de 70% do território africano. Hoje, eles se localizam nas regiões de Moçambique, Namíbia, África do Sul, Zâmbia, Zimbabué, Lesoto, Quênia, Botsuana, Tanzânia, Gabão, Guiné Equatorial, Camarões, Uganda, Burundi, Ruanda, Malauí, Comores, República Centro-Africana e nos que mais importam para nós: Angola e os Congos.

Quando da chegada dos portugueses, por volta dos anos 1483-1485, desembarcando na região do antigo Reino do Dongo - atual Angola e se estendendo até o Reino do Congo -, Diogo Cão, o navegador, subiu o curso do Rio Congo, chegando ao Reino do Congo para tratativas comerciais e militares com parte da corte do Manicongo (Rei do Congo) Anzinga a Ancua - que passou a se chamar João I do Congo, após convertido ao catolicismo.

Com a força escravagista se estabelecen-

do primeiramente no Congo e, em seguida, no reino do Dongo - que prestava tributos ao Reino do Congo e, posteriormente, conseguiu sua independência, mas se torna um interposto colonial português na África - grande movimento de indivíduos de cultura banta (congo e angola) são transportados como escravos para as colônias portuguesas na América, principalmente no Brasil.

Estamos falando de 1537 em diante, onde temos poucos registros históricos sobre essa chegada, podendo ter sido anterior, a essa data, o aporte de indivíduos de cultura banta, em terras agora coloniais portuguesas na América, que viriam a se tornar as terras brasileiras.

Com a chegada desse povo, também chega sua cultura, suas divindades, seus princípios religiosos, seus sistemas de cura e princípios mágicos. O povo banto, tem por definição, uma grande proximidade com o culto a ancestralidade. Suas famílias davam o culto ancestral como pilar central da sua sociedade. Inclusive, adotavam um sistema familiar estendido, além da relação Pai-Mãe-Filhos, abrangendo avós, tios, primos e todos os parentes próximos, sendo comandado sempre pelo ancião da família, o ancestral encarnado e pelos ancestrais desencarnados.

Com a escravização, rompe-se esse sistema familiar e a forma de culto se altera para um culto espiritual, não podendo mais ter laços físicos, pois indivíduos de uma mesma família eram enviados e vendidos para locais e senhores diferentes, quebrando a sua união.

A chegada dos bantos, em solo brasileiro, rompe, também, com suas questões mais tradicionais: conhecimento dos encantados e divindades, geograficamente, localizados em suas terras de origem; conhecimento botânico que será reaprendido, em muito, pelo contato com os povos originários que conheciam, perfeitamente, todos os sistemas mágico-religiosos-medicinais dessas terras.

O que muitos não conseguem conceber é que povos originários e povos africanos - principalmente os de origem banto, nesse começo do processo colonial brasileiro - conviviam no regime de escravidão e nos

processos de libertação. Há muitos relatos de Quilombos compostos de africanos, povos originários e a população europeia e cabocla (mestiça).

Os feiticeiros bantos, congos e angolas, trazidos para cá, tiveram que reinterpretar seus mitos, divindades e feitiçaria, para que fossem funcionais em terras brasileiras, contando com todo esse arcabouço mágico-religioso-místico dos povos originários e, posteriormente, com a interconexão com os sistemas de magia ibérica.

Dentro do entendimento banto, que tivemos contato a princípio, além do culto a ancestralidade há o culto aos Mikisi, que é o plural do termo Nkisi, que aportuguesando, ficou conhecido como Inquice.

Inquice, se aproxima do entendimento mais difundido de Orixá. Porém, em sua ideia original, vai muito além de uma divindade. Inquice é um princípio alimentador e animador, uma ideia, um conceito, uma magia e sua manifestação. Não dá para traduzir como muitos fazem, que Inquice é a energia da natureza, pois sua ideia vai muito além disto.

O Inquice, de certa forma, sempre terá ligação com algo da natureza, não necessariamente um local, um acidente geográfico ou um fenômeno, mas terá ligação com a ancestralidade divinizada, que os povos bantos chamam de nganga.

Nganga se torna o feiticeiro, aquele que traz a harmonia do Moyo para os indivíduos do clã. Ele tem contato com o Mikisi e com os antepassados. Consegue, por meio desse contato, estabelecer um sistema medicinal mágico-religioso.

Com o conhecimento reinterpretado, conjuntamente com a inclusão do saber dos povos originários, começam em terras brasileiras uma tentativa de reorganização do culto perdido nas terras bantas da África. Esses cultos recebem, pelos estudiosos, o nome de Calundu.

Calundu não é uma religião, mas vários tipos de atividades religiosas-mágicas-místicas, que trazem uma essência dos cultos tradicionais, mesclados com novos conhecimentos oriundos da nova realidade em que esses indivíduos estavam encerrados.

Dentro do saber Banto, o Orixá não é foco de culto, mas era conhecido devido aos comerciantes que iam das regiões de cultura Iorubá para regiões de cultura Banto e vice-versa.

E onde entra o Orixá Exu e o aparecimento do Exu-Entidade?

Justamente nessa mesclagem! Com essas informações, podemos dizer que o povo que detinha realmente o conhecimento dos Orixás (e por consequência do Orixá Exu) só começou a chegar no Brasil em torno do século XVIII até aproximadamente 1815, ou seja, chegou com o povo Iorubá, quando já estavam aqui estabelecidos os povos bantos, havia, pelo menos, 161 anos.

Nesses 161 anos, os povos bantos aqui trazidos, já tinham desenvolvido seus sistemas de culto, seus sistemas mágicos. Grande parte dos indivíduos africanos, de origem banto, já havia desencarnado devido as condições de vida, sendo que esses núcleos eram formados agora por brasileiros descendentes, dos primeiros bantos aqui no Brasil.

O saber original havia a muito se desligado das suas raízes e sido completamente ressignificado. Com a chegada dos povos Iorubás e com a preferência mercadológica da época, esses povos – Iorubás – acabaram fi-



Umbanda no Rio de Janeiro, capturada pelas lentes do fotógrafo Utaro Kanai em 1952. As fotos foram publicadas na revista O Cruzeiro, 16 VIII, 1952, p. 129.

cando circunscritos a zonas mais populosas e conseguiam manter grande parte da sua estrutura cultural.

Os povos bantos e seus descendentes, acabavam por se mesclar ao povo Iorubá e, novamente, em um movimento sincrético absorvendo seus conhecimentos. Dentro do sistema de crença Banto, há a existência de figuras próximas ao Exu Orixá, como o Aluvaia e o Pambu Njila.

Aluvaia é o inquite da comunicação e muitas vezes age como o grande protetor da comunidade, já o Pambu Njila, que pode se assemelhar ao termo pombagira, mas não representa uma divindade feminina, é outro inquite dos Caminhos, das Encruzilhadas e pode agir como guardião de comunidades.

Esses atributos remetem, imediatamente, ao Orixá Exu e começa aí a mesclagem do sistema Banto com o sistema Iorubá.

O próximo passo é a apresentação de entidades humanas, ancestrais, que se utilizam do epíteto Exu para apresentarem-se em terra, sempre com outras definições ou adjetivos ao termo principal, assim nasce, o Exu Tranca-Ruas, o Exu Treme-Terra, o Exu Tira-Teima, o Exu Tiriri e por assim em diante.

O Exu-Entidade não tem ligações com o Exu Orixá diretamente, apesar de ter em suas manifestações também as representações simbólicas da comunicação, da abertura de caminhos, da proteção da comunidade. Porém, ele vai além, sendo também, o conselheiro, o amigo, o vingador, o provedor e o grande ancestral.

O Exu-Entidade - ou Catiço como alguns chamam -, se utiliza deste termo, mas podemos, assim como afirma a Bruxa Fernanda, identifica-los mais como Ngangas, o espírito ancestral familiar, que nos ajuda a manter o equilíbrio do Moyo em nossas comunidades.

Mas, por que de utilizar o termo Exu? Por uma questão de memória prática. Da mesma forma que o termo Orixá foi o mais facilmente aceito para representar as divindades africanas, mesmo que elas sejam Inquices, Voduns e outras divindades, o termo Exu tornou-se um sinônimo desse ancestral que desce a terra para beber, fumar, comer e dançar.

Enquanto o Exu Orixá tem a clara função de ser a voz dos Orixás, que habitam o Orun, no Ayé (terra), os Exus-Entidades são a voz dos Ancestrais e Mikisi para a comunidade que aqui está. Entretanto, com a memória mais recente dos povos iorubás das práticas tradicionais da sua terra, somando com o esforço da academia, do jornalismo e das artes (literatura, filmes, música etc.) a cultura Iorubá se tornou mais forte e associada – erroneamente – imediatamente a práticas de feitiçaria e culto ancestral que já existiam.

Assim como Aluvaia e Pambu Njila tem semelhanças com Exu, Exu tem semelhança com os Baculos ou Ngangas do passado. Tudo é uma questão de representação e de acultramento. Hoje usamos o termo Exu para essas entidades, sabendo que não se trata dos Orixás, mas de espíritos divinizados com grande poder mágico de realização.

Pode causar confusão? Pode! Por isso, a perseguição a fontes intelectuais é importante para dirimir essas dúvidas.

***Kimbanda Zelawapanzu
Sacerdote do Templo de Quimbanda
Cova de Tiriri***

***Consultas e Agendamentos:
www.instagram.com/covadetirir***



Umbanda no Rio de Janeiro, capturada pelas lentes do fotógrafo Hildegard Winter em reportagem para o jornal alemão Berliner Morgenpost. As fotos são datadas de 1º de julho de 1958 e pertencem ao acervo da editora Ullstein.

Para ser *Kimbanda* tem que ter assentamento



Umbanda no Rio de Janeiro, capturada pelas lentes do fotógrafo John Bulmer. A foto é datada de 1º de janeiro de 1960 e pertence ao acervo da Popperfoto.

O processo iniciático dentro da Quimbanda Nãgô (e da maior parte das Quimbandas) é sempre cauteloso. Sabendo que nem todos estão preparados para a imersão em forças densas que muitas vezes causarão contradição com todo o aprendizado cristianizado de um postulante, a própria egrégora de Quimbanda dá a permissão ao postulante a entender paulatinamente as coisas de dentro.

Diferentemente de outras religiões de matriz africana, na Quimbanda o aprendizado é constante, imediato, mas nem tudo é revelado nas chamadas manifestações públicas. Para começar, dentro da Quimbanda não temos giras abertas para atendimento público. As sessões de Quimbanda priorizam o atendimento individualizado, com rituais específicos bem definidos e com

a possibilidade de uma consulta com um guia, mas dentro de uma mesma egrégora (todos estão indo com o intuito do ritual a ser realizado).

Mesmo quem vai nos Toque de Quimbanda, não encontrará nada só de observar. Verá os símbolos, as ferramentas e alguns segredos, mas não terá as chaves criptográficas para desvendá-los. Essas chaves só são passadas aos iniciados.

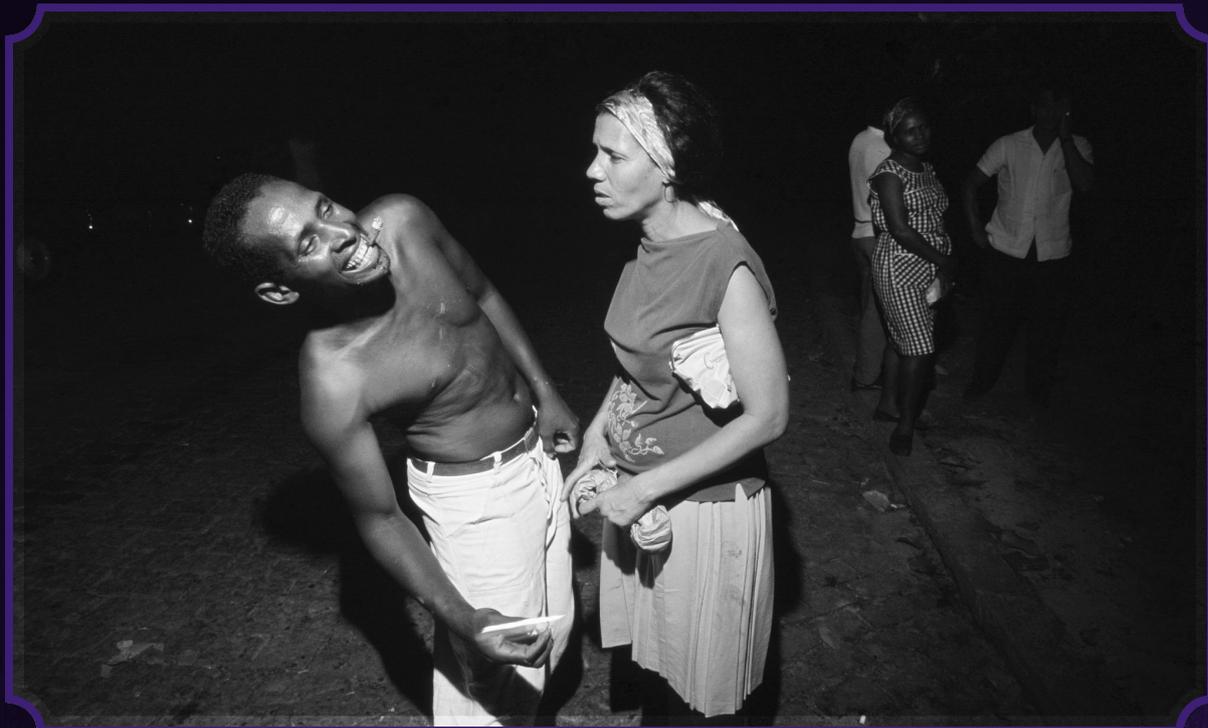
Como muitos tem curiosidade ou interesse na Quimbanda, há um processo anterior a iniciação que é chamado de batismo, o qual gosto de definir como probatório. Neste grau, você ainda não é um *Kimbanda*,^[1] mas um postulante, um acólito tentando entrar para as linhas negras de feitiçaria brasileira.

Você ganhará permissões e homologação para presenciar os cultos, entrar em alguns rituais fechados, começar a desenvolver uma relação próxima aos seus exus tutelares, mas não terá ainda as marcas na Alma e na Matéria do iniciado de Quimbanda. Alguns acólitos recebem ainda o seu Aluvaia,^[2] uma espécie de semente de um futuro assentamento, onde o acólito começará a estreitar ainda mais os laços dele com os exus tutelares, afirmando um pacto de ajuda mútua.

Durante esse processo ele aprenderá a ter regras, ter disciplina e responsabilidade para cuidar de uma entidade divinizada como um Exu. Porém, só posteriormente a iniciação é que o pos-

[1] Este é um termo sinônimo de Quimbandeiro.

[2] Não confundir com o Inquice Aluvaia que para alguns é a representação banta do Exu iorubano.



Umbanda no Rio de Janeiro, capturada pelas lentes do fotógrafo John Bulmer. A foto é datada de 1º de janeiro de 1960 e pertence ao acervo da Popperfoto.

tuante passa a ser um iniciado de fato, um *Kimbanda*.

Nesta iniciação, um dos momentos mais importantes, é a consagração e o recebimento do assentamento. Não tem como praticar Quimbanda – dentro da minha visão – sem ter seus exus assentados.

O assentamento é o corpo material do Exu, é sua representação e é o próprio Exu. Um portal de acesso de via dupla, que deve ser cultivado, cuidado e alimentado periodicamente, assim como deve ser respeitado SEMPRE.

O assentamento é a materialização do pacto firmado entre o adepto e o exu tutelar e sempre é feito por sacerdotes, mas deve ser “vitalizado” e consagrado por um Mestre de Quimbanda.

O assentamento de Exu contém todas as mirongas^[3] do Exu. Todos seus elementos dos reinos vegetal, animal, mineral e hominal. Aqui é o grande baú

de feitiço do seu Exu, um verdadeiro dínamo mágico que auxilia o *Kimbanda* na sua prática mágica e no processo de atendimento e conexão espiritual por meio da incorporação.

Desta forma, não há como ser um *Kimbanda* sem ter um assentamento. O assentamento é a coluna vertebral para toda a prática de *Kimbanda*, sem isso, não podemos dizer que estamos realmente iniciados.

O que ocorre é que muitas pessoas possuem práticas com Exus, como na Umbanda e outras religiões e cultos, que – erroneamente – chamam de Quimbanda. Claramente, com o passar do tempo o termo “quimbanda” se tornou sinônimo de vários outros substantivos, dando tanto designação a Linha de Exus que trabalham na Umbanda, quanto a própria linha de atuação dos Exus e Pombagiras. Contudo, se não há iniciação e assentamento, não podemos dizer que alguém está mesmo inserido na Quimbanda, mesmo que esse

[3] Mironga advém da palavra milonga que é plural de mulonga que significa segredos ou mistérios em Quimbundo.

incorpore uma *coorte*^[4] inteira de Exus e Pombagiras.

Existem vários tipos de práticas com Exus, como a própria Umbanda que os manifesta e até de certa forma fazem assentamentos para estes. Claro que a técnica do assentamento em muito difere do assentamento de Quimbanda. Também encontramos práticas de Exus por meio de estátuas, que chamamos muitas vezes de Aluvaiás ou Vulto. São formas de acesso a uma força, mas ainda não em sua capacidade total.

Quem passa por uma iniciação de Quimbanda percebe como a experiência com a mediunidade muda, não só com os Exus e Pombagiras, pois a partir dessa iniciação é como se retirássemos as travas que nos impedem de voar alto.



Umbanda no Rio de Janeiro, capturada pelas lentes do fotógrafo John Bulmer. A foto é datada de 1º de janeiro de 1960 e pertence ao acervo da Popperfoto.

A Quimbanda é o Reinado de Maioral, a casa de Exu e Pombagira e para ser de fato um *Kimbanda* existe a necessidade da iniciação, que se conhece por meio da consulta oracular de linhagem. Quando descobrimos quem são nossos exus e pombagiras e qual é o nosso papel dentro das famílias de

[4] As coortes (cohors em latim) são subdivisões das legiões romanas. Neste caso usada em referência a um grupo grande de entidades.



Umbanda no Rio de Janeiro, capturada pelas lentes do fotógrafo John Bulmer. A foto é datada de 1º de janeiro de 1960 e pertence ao acervo da Popperfoto.

Quimbanda, podemos começar a nos preparar, alguns como acólitos batizados, outros como reais *Kimbandas* iniciados, alguns como sacerdotes até a chegada do caminho da maestria.

O caminho é longo, a jornada é árdua e só os mais adaptados irão sobreviver a essa jornada.

Você tem sua estátua de gesso de Exu? Fez um altar para suas entidades? Comunga por meio a incorporação? Tem até um assentamento de Umbanda^[5] para o seu Exu? Ainda assim, nenhuma dessas práticas te transforma num *Kimbanda*.

Tenha responsabilidade na jornada, que o caminho se abrirá.

Kimbanda Zelawapanzu
Sacerdote de Quimbanda Nago | Templo
de Quimbanda Cova de Tiriri
contato: [instagram.com/covadetiriri](https://www.instagram.com/covadetiriri)

[5] A Umbanda por tradição não faz assentamentos, mas sim firmes constantemente alimentadas que alguns podem chamar de assentamento. Dentro da Umbanda pode-se usar o termo, mas é diferente em significado na Quimbanda.

Idealizadores



**PAPÓ NA
ENCRUZA**



